

OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE AO CRISTIANISMO

No “Portugal dos Pequeninos”: um espaço para a expressão da Doutrina dos Espíritos

Solange Martinho
Universidade Lusófona de Tecnologia e Humanidades
sociologasolange@gmail.com

Resumo

Neste trabalho, como contribuição para os dados sobre o crescimento de algumas expressões religiosas em Portugal, apresento uma abordagem metafórica do “Portugal dos Pequeninos”, refletindo desde o início da expressão da doutrina dos espíritos descodificada por Allan Kardec, até o momento presente. A sociedade portuguesa na época da construção desse parque lúdico, vivia numa conjuntura eclética, embora, prevalecesse o catolicismo, numa época de regime Salazarista, onde a sociedade procurava construir e afirmar a sua identidade enquanto nação. Após a interpretação histórica dessa metáfora, realizada através de exploração documental, faço uma articulação com a história do Kardecismo em terras portuguesas e, de seguida, argumento como é que uma doutrina como esta, conseguiu construir e manter o seu espaço de expressão até a contemporaneidade, concorrendo com outras expressões no campo religioso, através do hibridismo. Como resultado desta exploração, observou-se que mesmo sendo uma minoria étnica, o Kardecismo, em Portugal, já responde a uma considerável parte da pluralidade de religiões no país, e que já não passa mais despercebida pelos cientistas sociais, bem como pelo Estado que permite a sua colaboração, inclusive como fomentadora de uma economia mais social e solidária junto das comunidades mais vulneráveis socialmente.

Palavras-Chave: Esoterismo, Espiritismo Kardecista, Minorias Étnicas-Religiosas, Hibridismo e Portugal dos Pequeninos.

Abstract

In this work, as a contribution for the data about the growing of some religious beliefs in Portugal, I present a metaphoric approach of the “Portugal dos Pequeninos”, reflecting about the moment since the beginning of the expression of the Spiritist Doctrine decoded by Allan Kardec, until today. At the time of the construction of that playground, Portuguese society, despite the prevalence of Catholicism, lived in an eclectic conjuncture, in an epoch of Salazarist regime, where the society seeks for building and reinforcing its identity as a nation. After the historical interpretation of this metaphor, carried out through document exploration, I make an articulation with the history of Kardecism in Portuguese land and, afterwards, I argue how a doctrine like this one, managed to build and maintain its expression space until contemporaneity, competing with other expressions in the religious field, through hybridism. As a result of this exploration, it was observed that despite being an ethnic minority, kardecism in Portugal already answers to a considerable part of the plurality of religions around the country, and that it no longer passes unnoticed by social scientists and by the state, which allows its collaboration, including as promoter of a more social and solidary economy near the most vulnerable communities.

Key words: Esotericism, Kardecist Spiritism, ethnic-religious minorities, Hybridism, Portugal dos Pequeninos

Introdução

A apropriação da figura de linguagem do Portugal dos Pequeninos, ou Pequenitos (como encontrado em alguns trabalhos), situa-se num âmbito da liberdade de expressão e da expressão religiosa, pouco ou nada representada pelos estudiosos do espiritismo no período da construção dessa obra arquitetónica.

Desconstruindo a história da sua conceção, o trabalho que ora se apresenta, não foi concebido em caráter confessional ou partidário, mas apenas como ponto de partida de uma reflexão sobre a conjuntura religiosa do país nessa época.

Através da exploração documental e da observação empírica sobre o fenómeno social contemporâneo investigado, argumentamos sobre o processo da expansão do espiritismo kardecista em Portugal nas últimas quatro décadas, ou como se diz em Portugal, “após o Salazarismo”, contudo, como já o dissemos, este não é um trabalho político, pelo que nos deteremos somente no objeto de reflexão.

É a partir da revolução de 25 de Abril de 1974, um pouco por conta dos processos de transnacionalização entre brasileiros e portugueses, seus fluxos e suas redes, conforme Menin (2015), que a doutrina dos espíritos, como é (re)conhecida, foi conquistando seu espaço na sociedade portuguesa. Na contemporaneidade, embora, haja um pluralismo religioso no espaço lusófono português, os adeptos da doutrina kardecista, ainda são uma minoria étnica, mas que deveria contar para as estatísticas do Censos, Henriques (2017).

Em primeiro lugar foi preciso revisitar a sua história e depois percorrer cronologicamente os passos dados pelos precursores do espiritismo kardecista na busca do seu lugar nesta sociedade. A obra do Portugal dos Pequeninos, em Coimbra, concebida no período de 1937 a 1961 e promovida por Bissaya Barreto, mas desenhada pelo arquiteto Cassiano Branco, tem sido habitualmente conotada com o Regime Salazarista e com a (re)organização do país, de acordo com o que é correntemente encontrado em todas as literaturas que investigámos acerca do tema. Abordaremos assim, não de forma exaustiva, a representatividade desta obra arquitetónica, considerada como um “parque lúdico”, onde na sua origem, tinha como objetivo central servir de exemplo para um país com inúmeros problemas de identificação nacional, dentre eles, o religioso, mas que, embora territorialmente pequeno, acolheu e acolhe muitas expressões religiosas, respeitando-as e procurando dialogar com todas elas. Neste “Portugal dos Pequeninos”, cabem muitas e grandes ideias religiosas.

1. Portugal dos pequenitos: do catolicismo ao ecletismo

Antes de mais, fomos buscar como referência da construção desta obra, a sua história, contada por ela própria enquanto fonte de exploração secundária, “Situado em Coimbra, o Portugal dos Pequenitos é desde 8 de junho de 1940, data da sua inauguração, um parque lúdico-pedagógico destinado essencialmente à Criança. Nascido pela mão e pelo génio de Bissaya Barreto e projetado pelo arquiteto Cassiano Branco, integra desde 1959 o património da Fundação Bissaya Barreto, que tem como patrono este ilustre Professor. Retrato vivo da portugalidade e da presença portuguesa no mundo, o Portugal dos Pequenitos é ainda hoje um referencial histórico e pedagógico de muitas gerações. Para além de ser um espaço de aproximação de culturas e de cruzamento entre povos, o Portugal dos Pequenitos é também uma mostra qualificada da arte escultórica e arquitetónica que, pela miniatura e pela minúcia, ainda hoje encantam crianças, jovens e adultos.”¹

O “Portugal dos Pequeninos”, representava uma estrutura fundiária e política da sociedade na organização da Lisboa do Império entre os anos de 1930-1940. Estava em causa, o papel político e económico reservado aos proprietários fundiários, cuja propriedade se situava na área de influência da capital do Império, num período em que a conjuntura era dominada por um projeto de reconstituição económica e pela instauração de uma nova ordem política, como componentes essenciais que foram do processo de institucionalização do Estado Novo, Ferreira (1983).

A capital do Império – Lisboa – deveria ser, assim, segundo Duarte Pacheco, um exemplo para os outros meios urbanos do país, daí a construção do “Portugal dos Pequeninos”, em Coimbra, que deveria ser entendido como um parque lúdico anexo e complementar ao projeto educativo que estava por trás das Casas de Criança, neste caso a da Rainha Santa Isabel, inaugurada a 12 de julho de 1940. A obra arquitetónica é constituída por pequenas réplicas das casinhas típicas das diferentes regiões do país.

O projeto de construção da obra, prolongou-se no tempo e compreendeu três fases de construção: a primeira fase decorreu entre 1938 e 1940, com a edificação do conjunto das casas regionais portuguesas e do núcleo monumental de Coimbra, a segunda fase, entre 1941 e 1949 e corresponde à construção dos principais monumentos do País, e a terceira fase, decorreu na década de 1950 com a construção das Ilhas Açores

¹ Consultado no site: <http://www.portugaldospequenitos.pt/o-parque/historia/>.

e Madeira, e Ultramarina (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, Macau, Timor e Brasil), o Império Português para os Pequenitos. Cassiano Branco dá por terminado o Portugal dos Pequenitos em 1961.

Em todos os documentos analisados, verifica-se que aquele foi um período complexo e contraditório para a sociedade portuguesa na busca pelo processo de construção cultural do país, surge também, uma espécie de «iluminismo português», observado pelo movimento de políticos e intelectuais, mas também por companhias comerciais, tirando partido da ascensão da classe média constituída por médicos, advogados e comerciantes oferecendo-lhes a possibilidade de aquisição de prestígio e alguma tradição. Um período que em algumas narrativas por nós encontradas, deixaram saudades.

Por exemplo, a “saudade”, que Martins (1992a) refere, tem a ver com a memória do povo português, e chama-se sebastianismo. Segundo o autor: “saudade, como lembrança obsessiva de um passado. Sebastianismo, como ensaio místico de um futuro. O nexo entre os dois é fornecido pela epopeia dos Descobrimentos – a glória do passado que seria eventualmente o modelo da glória futura. Saudade, pois, do tempo medieval, saudade do Português, rural, diligente e virtuoso, a maneira da «boa dona de casa»: solidamente ancorada bem no meio das coisas e das pessoas, suavemente católica e supersticiosa, que tanto vai à igreja como a bruxa, de brandos costumes e paixões. E sebastianismo, conquanto imagem gloriosamente épica, imagem do Português navegador-guerreiro das caravelas, sedento de aventura, mais para o mar do que para a terra, apaixonado, violento e de uma religiosidade ternamente mística”.

É interessante analisarmos como nos dias de hoje, o termo “ir à bruxa” ainda é usado em Portugal, como um ideal tipo, mitomizado e estigmatizando inclusive, quando se refere aos adeptos das práticas do espiritismo. Não é raro, observarmos esta expressão, na comunicação televisiva ou radiofónica, na disputa do campo religioso na sociedade portuguesa. Considerada como uma doutrina esotérica, onde o seu termo é definido como um sistema de crenças filosófico-religiosas, que suscitam reflexões epistemológicas e ontológicas da realidade última e não devem ser vulgarizadas e nem divulgadas senão entre os adeptos, conhecidos ou eleitos, Silva (2016).

Retornando às análises de Martins (1992b), “esse sebastianismo inspira o espírito de cruzada, a epopeia dos Templários, dos Hospitalários, dos Cavaleiros da Ordem de Aviz e de Cristo, artífices da Reconquista, a vontade missionária dos franciscanos, e enfim o ideal de expansão mundial com a demanda do Preste João. Com

efeito, a ordem salazarista enuncia-se segundo as metáforas de um acontecimento messiânico, a reclamar «a transformação do pão dos pobres em rosas», e distribui-se de acordo. Com a lógica imposta pelo seu exclusivismo: de um lado, a salvação de uma nação, una, regenerada, verdadeira; do outro, a sua perdição as mãos de um anti-Cristo, que a irracionaliza, perverte e falsifica”.

A obra Portugal dos Pequenitos ou “Pequeninos”², enquanto obra arquitetónica, é atemporal e intemporal para a sociedade portuguesa, pelo seu simbolismo não só arquitetónico, mas também, como a afirmação identitária de um povo, bem como o cunho social que “Bissaya atribuía à esta obra, enquanto médico de profissão, levando também em consideração a sua visão humanística, “inspiradas nas teorias de Rousseau do homem em estado de natureza, por oposição às do homem lobo do homem de Thomas Hobbes. No que diz respeito à educação das crianças, seria desejável que elas apreendessem através das lições das coisas, (Rousseau e Pestalozzi), sempre que possível sob a forma de visita de estudo, fora do edifício escolar, à qual se junta a visão lúdica do ensino preconizada por Froebel (desenvolvida mais tarde por Piaget), Silva (2010).

É quase consensual dizer, que o contexto histórico do Portugal dos Pequeninos, sem dúvida, traz-nos um conhecimento de um tempo de ditadura salazarista, mas, mais que isto, traz-nos a consciência de uma sociedade que procurou um despertar para a necessidade de um novo rumo na história do seu povo. Aquele a quem chamou-se, na época, de “Estado Novo”, onde a maior conquista de Portugal não estava, certamente, na construção arquitetónica moderna, mas na sua reinvenção cultural securizante.

Segundo Larsen (2000), “após 1974 dá-se início a uma revisão profunda da história de Portugal, o começo do processo de desmitificação ainda em curso. O mito do português heroico e missionário, corroborando a dicotomia do descobrimento e da colonização – que se integra no que eu chamo de nacionalismo metafísico” (...) “o parque coimbrão chamado de Portugal dos Pequeninos, (uma miniatura do Império Português) o pavilhão do Brasil é do mesmo tamanho que o de Portugal. (...) O regime do Estado Novo exerce então um inflexível controle das finanças e as colónias recobram uma posição chave no Império, denominadas significativamente como Os Novos Brasis. E paralelamente o Brasil torna-se um País Irmão, uma prova irrefutável do génio

² Nota: Encontrámos nos trabalhos explorados, referências nas duas formas, “Pequenitos e Pequeninos”, contudo, optámos para este trabalho, o termo “Pequeninos”.

português. Aquando da Exposição do Mundo Português, em 1940, o Brasil foi a única nação convidada”.

Posto que história é história e nós apenas as reproduzimos, a nossa compreensão sobre o fenómeno do Portugal dos Pequeninos, e do que ele representa para a sociedade portuguesa, vai muito além da explicação da sua construção e do seu simbolismo.

É a partir da expressão: “ir à bruxa”, já mencionada anteriormente como um indício de ecletismo religioso, que buscamos compreender pelas leituras que Fernandes (2015, pp: 199-212) o surgimento dos primeiros grupos espíritas na sociedade portuguesa, no século XVIII, enquanto uma doutrina dos espíritos verificada por cientistas de renome como os físicos William Crookes e Oliver Lodge, ou engenheiros como Gabriel Delanne, astrónomos como Camille Flammarion e Friedrich Zöllner, naturalistas como Alfred Russel Wallace e criminologistas como Cesare Lombroso, porém, a doutrina encontrou maior interesse de e desenvolvimento pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, pseudónimo de Allan Kardec, daí a denominação de «espírita kardecista».

Como Bissaya, Kardec também reconhecia uma educação infantil baseada nas teorias de Rousseau e Pestalozzi.

O “ir às bruxas”, também incluía reuniões ocultas para discutir sobre o fenómeno dos espíritos, as chamadas “mesas girantes”. No início esses grupos reuniam-se para testar a veracidade da comunicabilidade entre os mundos do «visível com o invisível». Ultrapassada esta fase da «veracidade» sobre o fenómeno da comunicabilidade e, em detrimento da crença ou fé sobre os «mistérios do outro mundo», o que ficou retido sobre a doutrina kardecista, e que é a sua base nos dias que correm, para os indivíduos adeptos à ela, é o sentido da solidariedade humana com a finalidade de que todos os seres possam estar envolvidos num bem-estar comum, dando continuidade à vida do planeta terra.

Embora, o mito sobre os termos “espírita” e “espiritualidade”, estejam aos poucos, sendo desconstruídos e tomando os seus lugares de legitimação, as suas definições são ainda, para o senso comum, muito controversas e possuem uma carga de preconceito, por parte, inclusive, dos cientistas sociais, fora das áreas da teologia. De acordo com a história das ideias religiosas e do esoterismo ocidental, nos contada desde sempre, a espiritualidade não tem necessariamente relação com a religião. Para o termo «religiosidade» implica a relação do ser humano com um ser transcendente, ao passo que o termo «espiritualidade» não implica nenhuma ligação com uma realidade

superior. Não se deve identificar puramente religiosidade e espiritualidade porque pode haver experiências de profundo sentido espiritual que não têm qualquer conotação religiosa. Assim, se a espiritualidade é inerente ao ser humano, a religiosidade não o é, uma vez que se há pessoas «arreligiosas», não é possível uma pessoa não-espiritual. Se a espiritualidade é parte integrante da personalidade, a religiosidade é parte acessória, embora importante para a maioria das pessoas, especialmente, mas não unicamente, por ser precioso meio de inserção comunitária e cultural.

Sobre isto, temos que referir que não há no espiritismo uma autoridade ou livro sagrado que possa dar a última palavra em disputas internas atuais, mas uma multiplicidade de instâncias que vão dos centros espíritas às Federações, estaduais, nacionais e internacionais que continuam a ser atores de forte destaque, ainda que sem a hegemonia de períodos anteriores, “espíritas podem citar a Bíblia, o cristianismo, os livros de Kardec, de Dellane, de Chico Xavier, afirmar que “se trata de ciência, filosofia e religião”, com uma ênfase diferenciada de acordo com o informante. Inexiste um algoritmo hermenêutico que permita compreender e fixar a tradução da ciência em religião e vice-versa para os espíritas, mas uma multiplicidade concreta de pontos de vista que se ancoram na crença na existência de um cânone ou conjunto de obras e sábios espíritos de luz autorizados a orientar sua interpretação da vida cotidiana”, Lewgoy, (2006).

O espiritismo kardecista tem como base doutrinária principal o Cristianismo redivivo, cabe-nos refletir sobre a sua resistência no tempo e no espaço territorial português, a partir do seu enquadramento legal no Estado considerado laico.

Após longo período de proibição Salazarista das ideias sobre o mundo oculto, surgem então, na sociedade portuguesa, os primeiros grupos, ou associações espíritas que segundo a Federação Espírita Portuguesa (FEP)³, tinham como objetivo estudar o espiritismo sob os seus aspetos: científico, experimental, filosófico, moral e social, bem como os seus princípios básicos: a sobrevivência da alma, o reencarnacionismo ou vidas sucessivas, a lei da causalidade e comunicação entre encarnados e desencarnados por intermédio das mediunidades, e ainda as ciências psíquicas que se relacionam com o Espiritismo, como as forças hiperfísicas do Universo. Também promover a cultura moral, baseada no Cristianismo, na sua pureza original – em Espírito e em Verdade – despido do véu da letra e de todos os dogmatismos.

³ FEP – Federação Espírita Portuguesa. <http://feportuguesa.pt/>.

2. Kardecistas em Portugal, uma Minoria Étnica

Cabe-nos referir duas definições que adotámos para argumentar sobre o objeto de análise proposto – que é a expansão do kardecismo em Portugal. Uma delas é a definição de “grupo minoritário” ou “minorias étnicas”, uma vez que ao referirmos a representação da prática desta doutrina na sociedade portuguesa, consideramos que ela pertence ao quadro das minorias étnicas religiosas. Giddens (2004, pp: 691-693), refere que as minorias étnicas é um “grupo de pessoas que se encontram em minoria numa determinada sociedade e que, em virtude de possuir características físicas ou culturais distintas, se encontra em situação de desigualdade nessa sociedade”.

Assim sendo, o que nos importa neste contexto, são as “características culturais”, porque são elas que justificam de certa forma, a expansão da representação da praxis grupal do espiritismo kardecista em Portugal na contemporaneidade, em articulação com os costumes dessa praxis no Brasil, onde a doutrina encontrou maior espaço de divulgação.

Contudo, apesar deste ecletismo existente na doutrina dos espíritos, a sua afirmação na sociedade portuguesa, passou do estado da “clandestinidade” em tempos idos na época Salazarista, para Associações ou Instituições reconhecidas legalmente pelo Estado, conforme consta nos estatutos das 72 casas espíritas legalmente registadas na FEP, espalhadas um pouco por todo o país.

Isto leva-nos a refletir sobre o hibridismo religioso pelo qual o Kardecismo passou nestas últimas quarenta décadas em Portugal, onde nas palavras de Dias (2014), “a capacidade de determinado grupo de se adaptar a novas realidades a partir de seus padrões de base” pode ser também transportada para o campo religioso. Os adeptos da doutrina dos espíritos oriundos do Brasil, souberam adaptar-se à cultura portuguesa, moldando a praxis da doutrina, assim como os adeptos do Candomblé e da Umbanda.

Com relação a historicidade do surgimento em território nacional das IPSS espíritas ou espiritualistas, temos a referir que o reconhecimento oficial do Estado português da primeira Associação Espírita IPSS portuguesa aconteceu no ano de 2005 no concelho de Viseu⁴, embora, desde 1976 já houvessem grupos espíritas exercendo as diversas ações sociais. Esta adaptação começa pela própria identificação das “casas espíritas ou centros”, como são denominados no Brasil. Exemplo disso, é o caso do

⁴ Fonte: Disponível em: <http://www.ascev-ipss.org/> - Acedido em 10.02.2017.

Grupo Cantares das Janeiras, “Depois de alterados de novo os Estatutos e de os mesmos terem sido apresentados, com as alterações exigidas, à Direção Regional de segurança Social, o ano de 2005 constituiu um marco de implementação mais intensiva da estruturação já aprovada. Tudo indicava que a inscrição como IPSS iria ser aceite a mais ou menos curto prazo e era necessário definir as valências a propor àquele Organismo Estatal. Foi assim que surgiu a proposta de se implantar um Centro de Apoio a Vítimas de Violência no Lar e um Centro de Apoio à Vida, destinado a jovens grávidas em processo de pressão para o aborto. Não é de deixar de referir que o Grupo de Cantares das Janeiras, já criado há mais de dezena e meia de anos pelos jovens, atingiu ponto alto ao ser convidado a participar, pelo INATEL, do Festival de Cantares de Janeiras. Foi ainda, com inegável contentamento, que a associação recebeu a oferta, por parte do Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, de Coimbra, da Exposição sobre Kardec que aquela instituição havia apresentado ao IV Congresso Nacional de Espiritismo. Mas 2005 também viu ser criado o Grupo de Trabalhos Especiais que passou a funcionar no âmbito de Departamento de Assistência Espiritual”.

Na atualidade, as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) como estão enquadradas juridicamente em Portugal⁵ exercem um papel fundamental no apoio ao Estado, sobretudo nas situações em que o próprio Estado não consegue dar resposta a todas as necessidades dos seus cidadãos.

Fernandes refere que, “não há centro espírita que não faça, ao menos, uma obra de caridade, uma creche, um ambulatório, campanhas de atendimento. Pesquisa feita sobre a assistência social espírita, no Rio de Janeiro, constatou, por exemplo, que, somente na distribuição de alimentos, a ação espírita no Estado beneficia regularmente cerca de 187 mil pessoas cadastradas (Giumhelli, 1995). O trabalho voluntário é tão valorizado entre os espíritas que adquirem sentido propriamente religioso, como a principal expressão praticada doutrina”, Fernandes, (1997, p: 5).

Os aspetos socioculturais dos frequentadores de uma instituição espírita é uma considerável parcela de imigrantes, maioritariamente brasileiros, além disso, os fundadores e dirigentes de algumas destas IPSS's são emigrantes regressados, nomeadamente do Brasil. Quanto ao fenómeno da religiosidade em que a doutrina espírita assenta, constata-se a sua base direcionada para o Cristianismo, e o seu estudo

⁵ Fonte: Decreto nº 58/2013 – Lei de Bases da Economia Social nº 30/2013.
http://www.cases.pt/0_content/sobre_nos/Lei_de_Bases_da_Economia_Social.pdf.

sistemático dentro dessas casas, pelos seus frequentadores, funciona como meio de coesão entre eles.

Referimos também o recente artigo de Pinto (2015, p: 2), sobre a relação entre a pobreza e a religião que no “último quartel desse século veio despertar as autoridades e a academia para uma realidade que, calada, se tornava avassaladora e conduzia a uma negação dessa postura simples e descomprometida. Ao invés do esperado, a prática religiosa ganhava adeptos e, acima de tudo, refaziam-se e reformulavam-se as instituições anexas às confissões, dando aos seus crentes aquilo que o Estado Social prometia mas dificilmente conseguia cumprir. Hoje em dia, constrangidos pela crise quase planetária que sobre nós se abateu, somos levados a equacionar estas duas visões que, apesar de serem opostas e de relevarem de duas visões antagónicas do fator religioso, se mostram complementares”.

Em Portugal e na Europa, o grande número de organizações como estas, adquirem vital importância para as comunidades locais por intervirem em diferentes áreas, como a da saúde, educação, alimentação, etc., desenvolvendo valores e princípios próprios de solidariedade e justiça social.

As IPSS's de carácter espírita, estão reconhecidas pela Lei de Bases da Economia Social sob nº 30/2013 e no seu Decreto nº 58/2013 de 8 de Maio, no artigo 2º, e que segue os seguintes princípios orientadores: "entende-se por economia social o conjunto das actividades económico-sociais, livremente levadas a cabo pelas entidades referidas no seu artigo 4º, que refere que a economia social é representada por: a) cooperativas; b) associações mutualistas; c) as misericórdias; d) as fundações; e) as instituições particulares de solidariedade social; f) as associações com fins altruísticos (...)”. Ainda no artigo 4º desta mesma lei, na alínea H, o conceito permite a entrada de qualquer entidade que não esteja contemplada, mas que sigam aos princípios orientadores.

As denominações mais comuns encontradas para esses grupos são: “Associações Social Cultural Espiritualista”, “Associações de Estudos Espirituais”, “Associações de Estudos Psico-Espirituais”; “Grupos de Estudos Espíritas”; “Centros Espíritas”; “Fraternidades Espíritas”; “Associação de Beneficência Fraternal”; Comunhão Espírita Cristã”; ou “Núcleo Espírita Cristão”. No entanto, podem ser referidas como “casas ou grupos espíritas”, apresentando todas elas com um sentido comum: são voltadas para as ações de assistencialismo solidário e altruístico baseadas em modos de produção de colaboração e de cooperação com o Estado, com a finalidade direta ou indireta de itens

do interesse de uma população local e que contribui para a melhoria geral, mas não de subordinação ao Estado.

Considerações finais

Conhecer os contextos da expansão das instituições espíritas no território português nas últimas três décadas, tendo como objeto metafórico o parque lúdico coimbrão “Portugal dos Pequeninos”, desconstruindo uma parte da história religiosa da sociedade portuguesa, trouxe-nos gratas reflexões acerca do estado da nação, em contexto religioso, na época da sua(s) construção(s) – a do parque e a da nação. A do parque, porque na atualidade serve de referência para as ideias de uma nação que poderia ter sido outra. Melhor ou pior, não se sabe. Mas, sobre a nação, esta certamente, se tornou num «Grande Portugal», pela sua pluralidade de religiões abrigadas num espaço considerado territorialmente tão pequeno, mas estrategicamente, tão grande. Grande no sentido da vontade que os “seus habitantes”, vindos um pouco de toda a parte do mundo, procuram adaptar as suas culturas e fazer com que o país esteja num constante diálogo inter-religioso, promovido por uma sociedade de bem. Conhecer as suas ações sociais praticadas em um ambiente multicultural, é um contributo que nos parece ser importante desenvolver no meio académico português, e que aqui nos propomos realizar à partir deste trabalho. Explorar as diversas perspetivas dessas instituições de cariz espiritualistas e espíritas, no âmbito da Ciência das Religiões, atendendo que esta ciência procura compreender o seu objeto de estudo de um modo holístico, adotando uma postura pluridisciplinar e transdisciplinar é o que permite que aquele que era considerado o “Portugal dos Pequeninos”, continue a ser exemplarmente uma porta aberta para o mundo daqueles que vierem contribuir para o seu crescimento religioso. Afinal, Portugal não é tão Pequenino assim.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor José Brissos-Lino, pelo convite para participar deste número da Revista Lusófona de Ciência das Religiões, num ano particularmente especial para mim, uma vez que há muito trabalho académico pela frente, que abordam as ideias de grandes personagens da história da humanidade. Muitas comemorações temos pela frente, e muitas reflexões também.

Agradeço aos meus Professores Doutores em Ciência das Religiões da Lusófona, que têm ensinado a refletir sobre tantas ideias...e, ideais.

Agradeço, a todos os meus colegas de curso que partilham as suas ideias comigo dentro da sala de aula e, que se tornaram amigos da vida, fora dela.

Agradeço, a este País, “Portugal dos Pequeninos”, pela disposição em receber todos aqueles que aqui aportam em busca de “liberdade(s)”, como eu.

REFERÊNCIAS

- DIAS, João Ferreira, “Em Roma sê Romano, O Candomblé como adaptação criativa e hibridismo, nas origens e no séc. XXI; Bahia, Lisboa e Berlim”. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Lisboa, Ano X, pp. 18-19, 2013.
- FERNANDES, C. Rubem, “3º Setor – desenvolvimento social sustentável. O que é o terceiro setor?” *Revista do legislativo*. Belo Horizonte. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, n. 18, pp. 26-30, abr./jun.,1997.
- FERNANDES, Joaquim, *História Prodigiosa de Portugal – Magias & Mistérios*. VII. 1ª ed. Verso da História. Vila do Conde. Portugal, 2015.
- FERREIRA, Vitor Matias, “A Lisboa do Império e o Portugal dos Pequeninos: estrutura fundiária e política urbana de Lisboa, anos de 1930-40”. *Revista Análise Social*, vol. XI X (77-78-79), 1983-3.º, 4.º 5.º, 693-735, 1983.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Glossário. Fundação Calouste Gulbenkian. 4ª ed. pp. 691-693, 2004.
- HENRIQUES, Joana Gorjão. “Faltam dados sobre religiões minoritárias”. Acedido em: <https://www.publico.pt/2017/01/29/sociedade/noticia/ha-uma-discrepancia-entre-o-seu-peso-estatistico-e-o-seu-peso-simbolico-1759809>. 29/01/2017.
- INGEMAI, Larsen. “As Saudades do Brasil – sobre a mitificação do descobrimento do Brasil”. *Diálogos Latino americanos*, n.2, 2000, pp. 16-23. Aarhus Universitet Aarhus, Dinamarca, 2000.
- LEWGOY, Bernardo. “Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita”. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, pp. 233-254, jul./dez., 2004.
- MARTINS, Moisés de Lemos. “A dona de casa e a caravela transatlântica. Leitura socio-antropológica do imaginário Salazarista”. *Cadernos do Noroeste*, vol. 5 (1-2), 191-204, 1992.
- MENIN, Felipe Assis, “Transnacionalización religiosa: flujos y redes”. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS* Vol. 7 N° 13, Julho, 2015.
- PINTO, Paulo Mendes, “Pobreza e religião numa geopolítica: questões para um futuro projecto de investigação com base no Relatório Gallup”. *Observatório da Religião*. E-ISSN 2358-6087. Vol I, no. 02, Jan.-Jun., pp. 178-192, 2015.
- SILVA, Eliane Moura, “O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX”. UNICAMP/IFCH/Departamento de História. 2016.
- SILVA, Emília Cristina, “Portugal Pequenino”. *Resdomus* – Plataforma Editorial de Cruzamento e de Divulgação de Cultura Arquitetónica. Grupo I&D Atlas da Casa. Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, 2010.